



TRATAMENTO FARMACOLÓGICO E OS EFEITOS DAS DROGAS ILÍCITAS NO ORGANISMO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO

PHARMACOLOGICAL TREATMENT AND THE EFFECTS OF ILLICIT DRUGS ON THE BODY: EXPERIENCE REPORT OF A THERAPEUTIC GROUP


Flávia Noletto Leite **1**
Neyva da Silva Moraes Rios **2**
Ludimila Inês Nunes Prestes **3**

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência de um grupo terapêutico realizado no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas, o qual tinha como intenção estimular os usuários deste serviço à reflexão sobre a importância do tratamento farmacoterapêutico. A partir da participação dos usuários nesta atividade, esperava-se o desenvolvimento da autonomia destes em relação ao tratamento a partir do conhecimento dos efeitos negativos das drogas ilícitas no organismo. O grupo foi criado e desenvolvido no ano de 2018, com rodas de conversa semanal e duração média de sessenta minutos. Os temas eram pré-estabelecidos pela equipe ou pelos usuários, sendo possível a aplicabilidade ao cotidiano dos participantes do grupo. Ao atender em um mesmo grupo, usuários com diferentes demandas, foi demonstrado que é possível nutrir respeito ao sofrimento do outro, aprender mutuamente e construir autonomia no tratamento quanto ao uso de álcool ou qualquer tipo de droga.

Palavras-chave: Saúde Mental. CAPS AD III. Educação em Saúde.

Abstract: The present work aimed to report the experience of a therapeutic group carried out at the Psychosocial Care Center Alcohol and Other Drugs, which aimed to stimulate users of this service to reflect on the importance of treatment Pharmacotherapeutic. Based on the participation of users in this activity, it was expected to develop their autonomy in relation to treatment from the knowledge of the negative effects of illicit drugs on the body. The group was created and developed in 2018, with weekly conversation wheels and an average duration of sixty minutes. The themes were pre-established by the team or by the users, and it was possible to apply to the daily life of the group participants. By serving in the same group, users with different demands, it has been demonstrated that it is possible to nurture respect for the suffering of the other, learn mutually and build autonomy in the treatment regarding alcohol use or any type of drug.

Keywords: Mental Health. CAPS AD III. Health Education.

-
- 1** Enfermeira. Especialista em Saúde Mental pela Residência Multiprofissional em Saúde. Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas- TO (FESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8237030571992761>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1712-8425>. E-mail: flvia.n08@yahoo.com.
 - 2** Farmacêutica. Especialista em Saúde Mental pela Residência Multiprofissional. Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas (FESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7284939776828008>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3657-9208>. E-mail: moraes.nsm@gmail.com
 - 3** Psicóloga. Mestrado em Psicologia. Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas (FESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5018265771406695>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8794-5036>. E-mail: ludimilaprestes@hotmail.com.
- 

Introdução

Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS AD III), que tratam de usuários de álcool e outras drogas, representam a principal estratégia de atenção à saúde direcionada ao consumo de substâncias psicoativas (AZEVEDO; MIRANDA, 2010). Em Palmas- TO, o CAPS AD III se configura em serviços de demanda espontânea através de política de portas abertas 24 horas e atendimento por uma equipe multiprofissional em saúde.

As drogas se constituem em dois grandes grupos, lícitas e ilícitas: as drogas lícitas são aquelas permitidas por lei; já as ilícitas são aquelas cuja a comercialização é proibida pela justiça. De maneira em geral as substâncias psicoativas são aquelas utilizadas para produzir alterações nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional de forma intencional ou não (SILVEIRA; DOERING-SILVEIRA, 2017).

Segundo Bezerra *et al* (2016), os fármacos revelaram-se como base terapêutica e como princípio de conduta médica, tendo em vista que todo cuidado ofertado ao usuário em saúde mental é pautado em sua prescrição e os grupos terapêuticos apresentam-se de maneira complementar.

Nesse contexto, viu-se a necessidade de conscientização aos usuários sobre seu tratamento de maneira integral, orientando que o tratamento dos mesmo vai além da medicalização, necessitando de acompanhamento multiprofissional traduzidos em outras intervenções da equipe como psicoterapia, terapia ocupacional, grupos terapêuticos, entre outros.

De acordo com Coelho e Braga (S/D), o uso de medicamentos psiquiátricos modernos é essencial para possibilitar o tratamento em serviços abertos, substitutivos ao hospital psiquiátrico, não deixando de lado o empenho dos trabalhadores da saúde envolvidos com a Reforma Psiquiátrica que acreditam e lutam “por uma sociedade sem manicômios”.

Nesse contexto, a condução dos grupos no campo da saúde mental nos fez entender que os serviços de saúde sejam pautados no modelo humanizado do cuidado, que abrange as terapias em grupos nos CAPS, realizando intervenções em grupo, e trabalhando o processo de compreensão e adesão ao tratamento, de maneira dinâmica e mediante troca de experiências, com o intuito de ressignificar o tratamento de cada usuário, a partir do processo de compreensão sobre sua condição clínica.

Mediante o exposto acima, justifica-se a importância da participação do usuário em seu tratamento e sua reflexão e conhecimento sobre seu processo de recuperação de saúde, bem como, de sua promoção mediante a redução de danos. Além disso, a presença do profissional farmacêutico trabalhando de forma compartilhada com o enfermeiro, possibilita ampliar a elaboração e a transmissão do cuidado com os usuários, potencializando o conhecimento transmitido e compartilhado em grupo.

Portanto, o presente trabalho objetivou relatar experiências sobre um grupo terapêutico no CAPS AD III, estimulando os usuários à reflexão sobre a importância do tratamento farmacoterapêutico, desenvolvendo a autonomia destes em relação ao tratamento a partir do conhecimento dos efeitos negativos das drogas ilícitas no organismo.

Metodologia

O grupo foi proposto a partir de uma demanda do próprio serviço de saúde, relatada por profissionais, usuário e familiares, tendo sido desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPS AD III) de Palmas- TO, entre os meses de Maio de 2018 a Setembro de 2018, totalizando 5 meses de encontros com a participação de em média 20 usuários, conduzido pelas profissionais Residentes (Enfermeira e Farmacêutica) do primeiro ano de Residência (R1) do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental de Palmas- TO.

Sendo realizado semanalmente, através de rodas de conversa, com duração aproximada de 60 minutos, abordando temas pré-estabelecidos pela equipe e também temas sugeridos pelos usuários. Foram utilizadas Técnicas de dinâmica de Grupo como forma de estimular o processo de reflexão entre os integrantes sobre os temas abordados, estimulando o compartilhamento de experiências.

A utilização do modelo da roda de conversa, como técnica de dinâmica do grupo, justifica-se no fato de que o grupo tomou esse formato por escolha dos próprios usuários, pois aproxima os usuários de outros e usuários e condutores. Além disso significou uma forma de deixá-lo mais à vontade para falar sobre suas experiências.

Percebeu-se que estas estratégias funcionaram para estimular a participação dos usuários mais inibidos e potencializar a participação dos demais, levando esses à integração ao restante do grupo.

Diante do fato de que o grupo funcionou em sistema de portas abertas, possibilitou-se maior adesão a cada encontro, de forma que no primeiro encontro estiveram presentes 17 usuários participantes e no último encontro 23 participantes. No total, obteve-se uma média de 20 usuários participantes. A identificação de dados que indicavam adesão, consistiam na percepção e observação de que os mesmos respondiam corretamente aos questionamentos realizados na dinâmica de monitoramento.

Discussão

Há uma evidência inquestionável de transformação do cuidado quando comparado ao modelo asilar fundado principalmente em uma “clínica do encontro”, alicerçada no questionamento, na reflexão e, sobretudo, na experimentação de relações interpessoais mais dialógicas e na escuta do outro, o que justifica o impacto clínico-social desta clínica (NUNES et al 2008).

A utilização da roda de conversa como técnica utilizada na condução de grupos foi relatada no trabalho de Farias, Almeida e Moraes (2018), os quais buscavam melhor resultado para o desenvolvimento dos temas. Os relatos dos participantes deste estudo e a observação dos coordenadores dos grupos demonstraram que os grupos operativos são efetivos para empoderar o usuário de drogas e álcool e trazer maiores informações e debates sobre o assunto.

Algumas das técnicas utilizadas, consistiram em questionamentos aos usuários com perguntas disparadoras sobre seu tratamento, sobre eventos adversos dos medicamentos, danos das drogas ilícitas e, para melhor compreensão de sua inserção no serviço e reflexão sobre suas atitudes cotidianas neste serviço de saúde, abordou-se também a importância e os objetivos do CAPS AD III e a Reforma Psiquiátrica.

A experiência aqui relatada evidencia que o grupo representou um espaço de construção de estratégias de cuidado, organizado em forma de roda de conversa, onde os usuários lançaram questionamentos, reflexões, compartilhamento de experiências, o que despertou protagonismo em relação ao seu tratamento, a partir do momento em que adquiriram maior conhecimento sobre seu tratamento. Além disso, houve momentos de monitoramento sobre conteúdos abordados como forma de acompanhar a aprendizagem dos usuários.

Para tal, foram utilizadas algumas técnicas de dinâmica de grupo que proporcionavam o resgate de conteúdos abordados em encontros anteriores, evidenciando o conhecimento e as atitudes dos usuários em relação ao tratamento no momento atual. A tabela 1 a seguir ilustra o cronograma de atividades desenvolvidas do grupo no CAPS AD III:

Tabela 1. Cronograma de Atividades do Grupo

SEXTA-FEIRA: 10:00 h ÀS 11:00 h
TEMÁTICAS ABORDADAS SEMANALMENTE
1. Apresentação das propostas do grupo, apresentação dos participantes e roda de conversa sobre expectativas do grupo. Sugestões sobre Temas a serem abordados.
2. Danos das Drogas no Organismo
3. Diferença entre fármaco, remédio, droga, dose, intervalo de dose e prazo de validade
4. A importância do CAPS AD III no tratamento aos usuários de álcool, crack e outras Drogas.
5. Formas farmacêuticas (comprimidos, cápsulas, drágeas, suspensão, solução, entre outras).

6. PRM (Problemas Relacionados aos medicamentos) e RNM (Resultados Negativos Associados aos Medicamentos).
7. Redução de Danos no CAPS AD III
8. Orientações sobre o correto armazenamento dos medicamentos
9. Adesão à Farmacoterapia
10. Tolerância, Dependência e Síndrome de Abstinência
11. Dinâmica de Monitoramento de Aprendizagem dos conteúdos abordados
12. Acesso aos medicamentos no SUS.
13. A importância da adesão à farmacoterapia aliada a outras terapias no CAPS AD III
14. Reações Adversas à Medicamentos
15. Medicamentos fitoterápicos
16. Interações entre medicamento x Alimento
17. Interações entre medicamento x Drogas ilícitas
18. Vias de administração dos medicamentos
19. Cuidados da Enfermagem ao usuário do CAPS AD III
20. Dinâmica de Monitoramento de Aprendizagem dos conteúdos abordados

Fonte: Elaborada pelos autores em Maio 2018.

Nesse sentido, acredita-se que a associação da roda de conversa com as técnicas de dinâmica de grupo facilitou a comunicação e a integração entre os participantes, modificando suas formas de lidar com seu tratamento e possibilitando participação dos mesmos na construção do cuidado do próprio cuidado.

Em um trabalho realizado por Vasconcelos, Frazão e Ramos (2012), sobre as contribuições do Grupo Terapêutico em um CAPS AD III, no município de Recife, Pernambuco, foram identificadas como motivação para a vida, suporte para identificação das demandas terapêuticas e construção de competências para o autocuidado. Esse grupo proporcionou, sob a ótica dos usuários, um ambiente terapêutico de educação em saúde por meio da troca de saberes entre os participantes e de suporte para aquisição de hábitos saudáveis.

Nesse sentido, o grupo terapêutico relatado neste trabalho, buscou associar os temas abordados ao contexto de vida dos usuários estimulando a aceitação ao tratamento e, conseqüentemente, melhores resultados em sua terapia e posterior autonomia aos mesmos. Além disso, semanalmente o grupo abordava diferentes temáticas, e os usuários ajudavam na construção das atividades para o cronograma, contribuindo em ideias, que advinham principalmente de suas dúvidas cotidianas diferentes ao seu tratamento. A educação em saúde era trabalhada aliada à roda de conversa, pois esta foi a organização natural do grupo construída pelos próprios usuários, um arranjo consolidado pelos protagonismo dos mesmos.

Em um estudo realizado por Lima et al (2017), estes autores entenderam que a Educação em Saúde no campo da saúde mental oferece grande contribuição ao explicitar que não se trata de definir comportamentos corretos acerca do uso e abuso de drogas, mas de criar oportunidades de reflexão crítica e interação dialógica entre os participantes desses grupos na construção de novos conhecimentos que orientem seus projetos de vida e escolhas futuras

Nessa ótica, o grupo terapêutico do CAPS AD III abordou temas referentes a medicamentos, mas também assuntos voltados aos efeitos das drogas ilícitas e seus danos, acreditando que esse conhecimento pudesse influenciar em seu tratamento de forma mais democrática e lúcida.

Por meio deste grupo terapêutico, foi possível a aplicabilidade dos temas ao cotidiano dos usuários, orientando e tirando dúvidas, contribuindo com a compreensão dos usuários em relação aos temas abordados a partir das reflexões e questionamentos expostos e dialogados no grupo. De modo expressivo, foi observada a aprendizagem ao respeito à fala do outro, sendo um exercício em cada encontro semanal.

O grupo também trabalhou na perspectiva de preparar o usuário para uma maior autonomia

no tratamento após alta do CAPS AD III, contribuindo para um maior potencial na reinserção social e fortalecimento de seus vínculos afetivos familiares. E há de convir que não há autonomia se não houver cooperação e compromisso do usuário com seu tratamento, exigindo assim um processo de adesão, buscada pelo grupo.

Ao compreender como os usuários de drogas percebem o tratamento ofertado em um Centro de Atenção Psicossocial, Manete et al (2018) evidenciaram que a abstinência é o modelo de tratamento mais utilizado pelos participantes. Alguns participantes acreditam na efetividade da redução de danos e praticam essa modalidade de tratamento mesmo que de forma desconhecida. Outros, porém, não acreditam que a redução de danos possa ser efetiva.

Foi observado, durante a realização dos grupos, que haviam usuários que desejavam abstinência e outros desejavam controlar o uso através da redução de danos. Nesse sentido, o grupo não teve propósito de impor escolhas aos usuários, mas sim de apresentar possibilidades de qualidade de vida, mediante estratégias de promoção e de recuperação da saúde, que não conquistada somente pelos profissionais, nem somente pelo usuário, mas uma construção conjunta.

As percepções dos usuários de álcool e outras drogas de um estudo realizado por Cassol et al (2012), evidenciam um grupo como uma ferramenta importante na manutenção do tratamento e sua inserção social num processo de abstinência, resultando assim em uma melhora em sua qualidade de vida, que reflete não apenas no indivíduo em si, mas também em seus familiares, amigos, no trabalho e na sociedade em geral.

Conforme expressa Lira, Silva e Clementina (2018) para a efetividade na recuperação e na reorganização da qualidade de vida, faz-se necessárias estratégias de ações que estimulem o sujeito à prática de refletir seu comportamento e hábitos, impactando nas situações que causem risco. Vale também levar o usuário a pensar na busca de diferentes formas de olhar a vida, para além das substâncias psicoativas como a única fonte de bem estar, lazer e fonte de prazer, com intuito de adquirir a autoestima, autoconfiança e auto ajuda, com a descoberta de outros prazeres.

O cuidado em saúde mental foi objeto de estudo de Benevides et al (2010), os quais relataram que a utilização das terapias grupais na abordagem aos usuários possibilita a atuação interdisciplinar condizente com a prática clínica humana, equânime e resolutiva. Diante desta justificativa, o trabalho com grupos terapêuticos deve ganhar espaço nos serviços e instituições da rede de atenção à saúde, pois se trata de uma ação relevante no planejamento de intervenções clínicas, já que apresenta resultados positivos no acompanhamento de diversos agravos e doenças.

Deste modo, a condução dos grupos de maneira compartilhada, considerando a interdisciplinaridade, pode oferecer maior riqueza de transmissão de conhecimento sobre o tratamento ao usuário. Além disso, propiciou o aprimoramento das práticas compartilhadas com outros profissionais da equipe multiprofissional, fortalecimento do trabalho em equipe, melhorou dos profissionais com o usuário e estimulou o exercício da reflexão por parte dos usuários em relação aos significados que cada um ao seu processo terapêutico.

Seguindo essa lógica da reflexão pelo profissional de diferentes formas estratégicas de estimular o usuário à reflexão de seus hábitos saudáveis e estilo de vida adequados para a sua saúde, durante a condução do grupo, foi possível perceber através da participação dos usuários, as demandas que os mesmos traziam a respeito das consequências que o uso abusivo de drogas pode trazer ao organismo e à vida de modo geral. Dessa forma percebemos essa fragilidade de conhecimentos por parte dos participantes.

Algumas dessas demandas trazidas pelos usuários eram as consequências para a própria saúde relacionadas ao consumo das drogas. Além disso, as condutoras do grupo terapêutico planejaram as atividades de acordo com as dúvidas que os usuários apresentavam, levando conhecimento com o intuito de orientar e sensibilizar para o fortalecimento da autonomia do cuidado e protagonismo para as suas próprias escolhas, levando em consideração todo o aprendizado adquirido por meio dessas trocas de experiências entre profissional e usuário.

Como forma de potencialização do grupo, Pfluck (2011) traz em sua fala que outra observação evidente é a valorização e capacidade de opção de temas pelos próprios participantes do grupo, onde é fortalecido o valor da autonomia dos usuários e da responsabilidade e dever sobre o processo pelo qual fazem parte. Por esse lado, identifica-se ainda a quantidade de demandas até então mal esclarecidas ou mal compreendidas. Através desse contexto, vale ressaltar a importância

do papel dos profissionais da equipe multiprofissional envolvidos no fortalecimento de estratégias de educação em saúde, que resultam em estímulo, despertando a participação popular nos espaços que esses indivíduos possuem direito à voz.

Através desse diálogo percebeu-se o quanto é importante colocar o usuário frente aos seus quereres e saberes sobre determinados pontos de seu tratamento e os impactos que podem ocorrer em decorrência desse processo. Dessa forma, o profissional condutor do grupo, flexibilizando a abertura dos temas pelos usuários e se tornando facilitador do processo dessa vivência, faz com que os participantes se sintam autônomos, empoderados e protagonistas do seu próprio processo de vida. Silva (2013) identificou a relevância dos profissionais de ficarem cientes e dispostos para realizar a própria função, como condutores no percurso de reabilitação psicossocial, firmando relações conjuntas estendidas, a fim de compartilhar com os usuários em sofrimento psíquico a responsabilidade sobre seu cuidado, como também sua reinserção na sociedade.

Nessa perspectiva, essa base do saber pelo usuário e as experiências vividas pelos mesmos, como também as fontes orientadoras embasadas pelas profissionais condutoras do grupo, faz com que aconteça uma troca de conhecimentos, no intuito de proporcionar uma aprendizagem mútua entre usuários e condutoras. Assim, a equipe de saúde adquire experiências e conhecimentos dentro do grupo junto aos participantes, aprimorando mais ainda a forma e o modo de olhar o tratamento desses indivíduos, dentro de sua singularidade, e acreditar que são seres capazes de ampliar ainda mais a resolutividade dessa jornada terapêutica dentro dos próprios serviços e em outros espaços na vida cotidiana.

Considerações Finais

Diante da experiência vivenciada, considera-se que houve aprendizagem mútua entre usuários e facilitadores do grupo terapêutico, destacando que a motivação e a adesão ao tratamento podem ser potencializadas mediante estratégias em grupo de maneira dinâmica. No presente relato foi possível notar que a integração das estratégias de roda de conversa com as técnicas de dinâmica de grupo foi efetiva na proposta de atrair e manter os usuários nas atividades, bem como, no alcance do objetivo do grupo.

Também foi possível evidenciar que o usuário tem maior adesão ao tratamento quando há melhor compreensão ou significado deste em sua vida. Logo, a realização do grupo terapêutico possibilitou a estimulação dos usuários do CAPS AD III de Palmas-TO à reflexão sobre a importância do tratamento farmacoterapêutico e o reconhecimento dos efeitos das drogas lícitas e ilícitas sobre o seu organismo, dentre outros temas relacionados.

Em conjunto, acredita-se que todos esses conhecimentos contribuíram para o desenvolvimento da compreensão dos usuários sobre o seu tratamento, sendo esse processo de condução, potencializador para o alcance da autonomia ao tratamento por parte dos usuários, bem como, para maior qualidade de vida dessas pessoas e seus familiares.

Referências

AZEVEDO, Dulcian Medeiros de; MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de. Práticas profissionais e tratamento ofertado nos CAPSad do município de Natal-RN: com a palavra a família. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.56-63, mar. 2010. GN1 Genesis Network. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-81452010000100009>.

BEZERRA, Indara Cavalcante, et al. Uso de psicofármacos na atenção psicossocial: uma análise à luz da gestão do cuidado. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 40, n. 110, p.148-161, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201611011>.

Cassol PB, Terra MG, Mostardeiro SCTS, Gonçalves MO, Pinheiro UMS. Tratamento em um grupo operativo em saúde: percepção dos usuários de álcool e outras drogas. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto

Alegre (RS) 2012 mar;33(1):132-8.

COELHO, Juliana Sousa; BRAG, Gilsiane Aparecida Ribeiro. RODA DE CONVERSA SOBRE MEDICAMENTOS: Construindo significados para o uso racional com usuários de um serviço de saúde mental. **Secretaria Municipal de Saúde de Betim-mg**, Teresópolis, p.1-17.

FARIA, Victor Gabriel Souza; ALMEIDA, Camila Souza; MORAES, Bianca de Freitas. GRUPOS OPERATIVOS COM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, p.126-137, 2018.

LIMA, Eloisa Helena; CAPANEMA, Carla Almeida; NOGUEIRA, Maria José. A prática dos grupos reflexivos sobre drogas como estratégia possível para redução de riscos e danos. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, p.1-17, dez. 2017.

LIRA, Lara Caline Santos et al. Entre políticas e práticas: atividades terapêuticas baseadas na redução de danos. **Revista de Enfermagem Ufpe On Line**, [s.l.], v. 12, n. 5, p.1206-1215, 1 maio 2018. Revista de Enfermagem, UFPE Online. DOI: <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963-v12i5a231307p1206-1215-2018>.

MANENTE, Vanessa Batista et al. Percepção de pessoas que usam drogas acerca do tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, [s.l.], n. 20, p.27-33, dez. 2018. Portuguese Journal of Mental Health Nursing. DOI: <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0223>.

NUNES, Mônica et al. **A dinâmica do cuidado em saúde mental**: signos, significados e práticas de profissionais em um Centro de Assistência Psicossocial em Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2008, vol.24, n.1, pp.188-196. ISSN 0102-311X. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100019>.

PSICOATIVAS E SEUS EFEITOS: Eixo Políticas e Fundamentos. **Portal de Formação a Distância**: Sujeitos, Contextos e Drogas, São Paulo, p.1-24, /. Disponível em: aberta.senad.gov.br. Acesso em: 29 fev. 2020.

SILVA, Leo Jaime da. **Processo de empoderamento dos usuários de um CAPS no contexto da atenção psicossocial**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Pelotas, 2013.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da; DOERING-SILVEIRA, Evelyn Borges. SUBSTÂNCIAS VASCONCELOS, Selene Cordeiro; FRAZÃO, Iracema da Silva; RAMOS, Vânia Pinheiro. Contribuições do Grupo Terapêutico Educação em Saúde na motivação para a vida do usuário de substâncias psicoativas. **Enfermagem em Foco**, Pernambuco, p.123-126, 16 abr. 2012.

VASCONCELOS, Selene Cordeiro; FRAZÃO, Iracema da Silva; RAMOS, Vânia Pinheiro. GRUPO TERAPÊUTICO EDUCAÇÃO EM SAÚDE: SUBSÍDIOS PARA A PROMOÇÃO DO AUTOCUIDADO DE USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVA. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, p.498-505, set. 2012.

Recebido em 10 de março de 2022.

Aceito em 29 de agosto de 2022.